https://doi.org/10.35520/flbc.2025.v17n33e73484

APRESENTAÇÃO

Provérbios, enxame de abelhas, Nelson Rodrigues, linguagem-pele, coautoria e mais: onde tudo isso se encontra e se coordena? Na atual edição da nossa Revista!

Maria Lucia Guimarães de Faria

Provérbios sempre constituíram um rico repositório de sabedoria popular. Algumas modalidades se revestem de funções ainda mais eminentes. É o que demonstra Bruna Cassiano no artigo "Saberes encarnados no verbo: tradução da experiência em provérbios de Mãe Stella de Oxóssi" ao estudar a obra *Òwe* (2007). Nela, cujo título significa exatamente "provérbio" em Iorubá, a autora, Mãe Stella, uma das mais importantes líderes religiosas do Candomblé no Brasil, quinta Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, reúne sentenças proverbiais afro-brasileiras que se fazem verbo atuante a veicular ensinamentos, valores e uma continuidade cultural, comprovando a potência da tradição oral como matriz de pensamento. Mais do que compilar os provérbios, Mãe Stella os traduz, interpreta e transcria, promovendo uma circulação e renovação dos saberes ancestrais, cuja "força comunicativa", argumenta a articulista, "ultrapassa o plano verbal, inscrevendo-se em uma dimensão multimodal e multissemiótica". A leitura atenta do artigo convencerá a leitora e o leitor de que provérbios são uma significativa e relevante modalidade literária.

Nosso segundo artigo é dedicado ao romance *A extinção das abelhas* (2021). Com o título "Entre ruínas e sobrevivência: a distopia cotidiana em Natalia Borges Polesso", Felipe Ribeiro e André Ricardo Vilela se empenham em demonstrar que a romancista gaúcha desenha situações levadas a um limite tal que trazem para o presente a consumação concentrada de tendências que ainda se processam lentamente e cujo consumar-se parece distante. Se não estamos ainda no futuro distópico, a distopia é mostrada em seu curso gradual, mas implacável, de modo a se poderem já divisar as conclusões acabrunhantes. Nesse ponto, a formulação "distopia cotidiana" é precisa. Expressões como precarização do trabalho, deterioração da afetividade, encolhimento de perspectivas, autoexploração, plataformização dos corpos, gamificação da vida indicam a ordem de reflexões que os articulistas extraem da obra de Polesso. Essas reflexões vão ao encontro de considerações da própria escritora em entrevista publicada no número anterior de nossa revista (v.17, n.32), que convido leitoras e leitores a visitarem, porque a leitura conjunta das declarações da autora e do ensaio que ora publicamos permite um aprofundamento importante e uma conscientização mais alerta de problemas gravíssimos do nosso tempo. Entrevista e artigo se vascularizam reciprocamente. Leitoras e leitores constatarão, por exemplo, que não foi só a personagem ficcional Regina, hiperqualificada, mas sobrevivendo de "frilas" e da sujeição ao mercado das *camgirls*, que precisou lidar com o desencanto trabalhista. A própria autora, detentora de um pós-doutorado e muitos títulos, tendo trabalhado por anos na informalidade, festeja aos 43 anos um contrato de trabalho celetista.

O terceiro artigo que trazemos a lume versa sobre Nelson Rodrigues e encerra uma surpresa para o público leitor. Quem diria que o assim alcunhado "Anjo Pornográfico" era um idealista romântico? Em "Metades e cristalizações: duas paixões nos contos de Nelson Rodrigues", Adriano de Paula Rabelo não só o afirma como o comprova. De início, o estudioso se reporta à base da idealidade do amor na civilização ocidental: o famoso discurso de Aristófanes no diálogo *O banquete*, de Platão. Em seguida, recorre à teoria do amor erótico elaborada por Stendhal. Segundo o romancista francês, o amante cumula a pessoa amada de virtudes e idealizações, como que revestindo-a de cristais, razão pela qual dá à sua doutrina o nome de "cristalização". De posse desse apoio teórico, o articulista põe em cena o próprio Nelson, haurindo de suas crônicas e memórias inúmeras declarações do dramaturgo a respeito da problemática amorosa que subsidiam tanto a sua concepção romântica do amor quanto a sua certeza de que ela fatalmente ruirá em confronto com o mundo moderno. Por fim, consumando a sua demonstração, Rabelo leva ao palco do ensaio os próprios personagens rodriguianos, em particular os que habitam os universos de dois contos: "A eterna desconhecida" e "O canalha". Com as finas análises das duas obras, o ensaísta radiografa a sua anatomia romântica e inverte a equação: aqui, o reputado "provocador" é provocado.

O amor ainda atravessa o nosso quarto artigo, mas numa perspectiva totalmente outra. Aqui, também, no entanto, a noção de que há um modo *certo*, ideal, de amar, de se relacionar, atua como força coercitiva e opressora a obstruir encontros e impedir laços

que, a despeito de tudo, se mantêm fiéis a um sentimento vigoroso que eclodiu. O romance em questão é *A palavra que resta*, do escritor cearense Stênio Gardel. O estudo adota como título uma frase do próprio livro interpretado: "Teu braço, tua vontade no momento que tu escreveu". A autora, Géssica Moreira Ramos, numa leitura extremamente sensível, entrelaça, com precisão e delicadeza, as linhas de força do romance: analfabetismo, letramento, amor, homofobia, autocerceamento, erotismo, vozes narrativas, saudade, desejo. Todas essas variáveis se substantivam pela potência da palavra, tardia, mas poderosamente adquirida. A aliança da palavra e do amor, que, de algum modo, enfim se liberta, não só concede ao outrora iletrado a capacidade de ler, mas lhe outorga a descoberta de uma vocação: a de escritor. Se tudo que resta é uma carta por 50 anos guardada, a linguagem-pele e a palavra-corpo operam uma metamorfose para a qual o termo "reminisção", conceito poético de Guimarães Rosa que dá título à décima-oitava estória de *Tutameia*, talvez seja bem-vindo. Diferentemente de uma lembrança, que pode ficar parada e perdida num passado irrecuperável, a reminisção coloca a reminiscência em ação, dá-lhe contornos presentes e a envia, quem sabe, para algum futuro.

Nosso quinto e último artigo porta um título e um subtítulo. O título é provocativo, porque faz aflorar a ideia de elementos nocivos a um organismo: "Corpos estranhos". O subtítulo esclarece a denominação, mas intensifica a provocação: "coautoria e paratextos editoriais". A estranheza com que a articulista Luciéle Bernardi de Souza atiça o/a leitor/a é a ruptura com a noção tradicionalmente assente de que um livro é obra de *um/a* autor/a. Não apenas a con-

cepção de que um livro pode ser fruto de um processo *coautoral* está posta em pauta: agrega-se, também, à *autoria* uma série de fatores que se constelam em seu entorno como título, subtítulos, intertítulos, prefácios, preâmbulos, notas, epígrafes, ilustrações, dedicatórias, etc., que Gérard Genette, em seu já clássico estudo, denominou "paratextos". De posse desses conceitos e depois de incursionar por uma discussão a respeito da figura do autor na companhia de teóricos que a problematizaram, como Roland Barthes e Michel Foucault, a ensaísta examina duas obras escritas a quatro mãos: *Rés: o livro das contaminações* (2014), de Maraíza Labanca e Erick Costa, e *Baião de 2* (2017), de Leoni e Mauro Santa Cecília. Luciéle chama atenção para o fato de que parcerias criativas não são raras em outras artes, mas ainda pouco se praticam em literatura. Curiosamente, um projeto *concriativo* dessa natureza é citado em nosso artigo anterior, embora não constitua seu foco: *Como se fosse a casa: uma correspondência*, desenvolvido por Ana Martins Marques e Eduardo Jorge. Mas o romance *A palavra que resta*, ele, sim, objeto do artigo, olhado à luz de uma *cogestação*, me fez meditar: de quem seria "a palavra que resta"? de Cícero, que deixou a carta, ou de Raimundo, que finalmente responde sob a forma de um romance? de ambos, cada um em seu tempo, engendrando uma temporalidade outra? Estaríamos diante de um modo diverso de coautoria, mas, ainda assim, de *escrita compartilhada*?

Lanço a pergunta às nossas leitoras e aos nossos leitores, convidando-os a usufruírem de cada um dos textos que integram a presente edição da Revista *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, não apenas em sua singularidade, mas também numa

possível e desejável parceria com os demais. Afinal, os trabalhos que se reúnem num número de periódico, ainda quando não componham um dossiê, não se solidarizam num circuito, num intercâmbio e num entrosamento que se poderiam dizer *coautorais*? Nosso segundo artigo, inclusive, foi elaborado conjuntamente por dois autores. O primeiro fala de conhecimento coletivo, compilado a inúmeras mãos. Não foi outro o meu esforço nesta breve apresentação, senão o de alinhar e alinhavar esses estudos, trabalho para o qual convoco a *colaboração* do público leitor.

Mas não só de artigos se alimenta a nossa revista. A seção central desta edição reserva um outro presente às leitoras e aos leitores: a deliciosa entrevista com Alcmeno Bastos e Eric Nepomuceno conduzida por Dau Bastos. Vejam que trio: de um lado, um crítico literário e professor universitário (Alcmeno); de outro, um contista, jornalista e tradutor (Eric); mediando-os, um romancista e contista, também professor e crítico (Dau). O que poderia resultar desse auspicioso encontro? Muito conhecimento? Decerto! A conversa comporta proficiência letrada, mas também é adoravelmente recheada pelo humor afiado no gume da vida que notabiliza os dois entrevistados. Alcmeno, lastreado por pesquisa de anos, expõe com precisão e competência a sua tipologia teórica que distingue o romance histórico do romance político, com abundante argumentação e ilustrativos exemplos. Paralelamente, ficamos conhecendo a sua doutrina da festa às avessas, em que convidados são barrados, e penetras têm passe livre... Eric relata a sua tocante experiência como biógrafo de Emiliano Zapata. É uma biografia que não parece biografia, sobretudo

em sua surpreendente abertura, porque se concebe mais fiel às emoções que ensejam a lenda do amado general do que a dados estritamente factuais. Ao mesmo tempo, somos apresentados à engraçadíssima história do romance pornô de Almodóvar, que Eric é quase intimado a traduzir. Nas histórias que ele conta, algumas rocambolescas, desfila uma série de figuras, à época dos relatos praticamente desconhecidas e agora famosíssimas.

Curiosidade aguçada? Pois não deixem de testemunhar a vivacidade da conversa, sagazmente deflagrada pelas perguntas inteligentes e oportunas do entrevistador, que demonstra entender de arte romanesca e estar bastante familiarizado com as obras de seus convidados.

Há quase oito anos, na manhã de 11 de setembro de 2018 – pouco mais de um mês antes do desastre político que se abateria sobre o Brasil com o catastrófico resultado das eleições presidenciais –, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), durante o IX Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, intitulado "Poesia, prosa, política", na mesa-redonda "Ficção & História na América Latina", acontecia ao vivo a conversa que agora publicamos. Os anos não levaram o frescor do debate, nem diminuíram a urgência das reflexões que entrelaçam literatura, história e política, nem embaçaram a agudeza das palavras e ponderações dos entrevistados. Atual, atuante e atilada, a entrevista tem muito a contribuir, ainda, para o nosso cotidiano meio cambaleante, mas teimosamente aguerrido.

Por fim, como de costume em nossas edições, oferecemos resenhas de obras da cena literária brasileira contemporânea.

Na primeira delas, valendo-se de várias referências, em particular o filósofo francês Gilles Deleuze e suas lições sobre o devir, e propondo uma reinterpretação do conceito de "literatura viva" do poeta português José Régio e sua substituição pela noção de "literatura-vida", Bruno Henrique Coelho apresenta o romance *Bráulio Pedroso (novela da noite)* (2018), do escritor carioca Maurício Salles Vasconcelos, desvelando um pouco da "teia intrincada de reflexões sobre o estar no mundo" que ele tece, à medida que "se vai fazendo em múltiplos gêneros e linguagens". Como argumenta o articulista, ao focalizar a trajetória do professor-artista-pesquisador Niro Zaremba, entrelaçando-a à novelística experimental do autor de *Beto Rockfeller*, o romancista evidencia o papel desempenhado pelas telenovelas na formação cultural do Brasil, o que lhe permite traçar um panorama sério-jocoso da realidade brasileira.

Em nossa segunda resenha, que encerra o presente volume, com o título "*Aquatempo*: memória, imagem e temporalidade líquida na poesia de Wanda Monteiro", Deni da Silva Santos Paz introduz o livro, a poeta, as chaves da obra resenhada e a ordem de considerações que desenvolve em seu texto. Nas palavras do resenhista, o livro constitui uma espécie de "travessia simbólica pelos rios da Amazônia", em que a pessoa lírica se intimiza e se harmoniza com o espaço que habita. Na tradição da literatura brasileira amazônica, onde predominaram vozes masculinas, Deni Paz realça o papel e a relevância da escritora, que publicou também *O beijo da chuva* (2008), *Anverso* (2011), ambos pela Editora Amazônica, *Duas mulheres entardecendo*, em parceria com Maria Helena Latini, pela

Editora Tempo, em 2015, e pela Amo Editora, em 2021, – outra obra coautoral que encorpa a presente edição –, e *Chão de exílio*, pela Kotter Editorial e Amo Editora, em 2021.

Aí está, como menu degustação para o nosso público leitor, um rápido apanhado do deleite que o espera nas próximas páginas. Aproveito para agradecer aos ensaístas, entrevistados, entrevistador e resenhistas, assim como à nossa diagramadora e projetista gráfica Francyne França, e ainda à nossa pequena, mas competente, equipe de editoras, que, em regime de *coworking*, tornaram possível esta edição. Retomo a ideia da atividade *colaboral* e paratextual envolvida na execução e publicação de um número de revista e com ela encerro esta apresentação: não está fácil manter viva a pesquisa e o exercício intelectual em nossa conjuntura atual. Aqui, também, é necessária uma rede de apoio e troca e, como ingrediente, muita obstinação. Mas, de nossa parte, falta de entusiasmo não nos desfalece. E, assim, seguimos, firmes, na esperança de que, seja como for, a democracia sempre prevaleça.